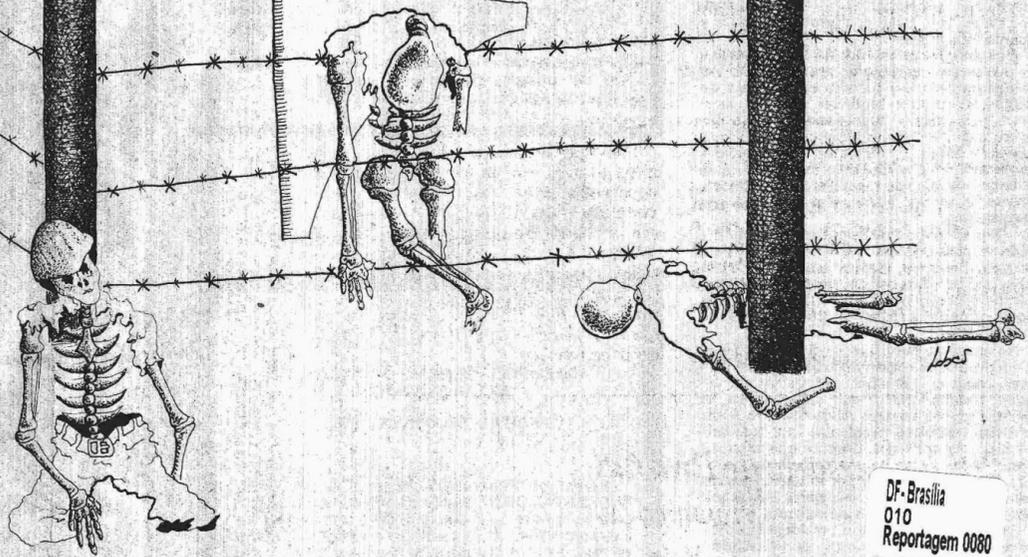


"... Mas lembrarei, também, como depois Brasília nos decepcionou, mostrando com suas misérias e contrastes nada de novo ter acrescentado às outras cidades do país; que nossos irmãos operários, que para ela acorreram como se a terra de promessa os convocasse, continuavam pobres, pobres e desgraçados".

Oscar Niemeyer



DF-Brasília  
010  
Reportagem 0080

## É carnaval. A GEB metralha operários

JORGE FREDERICO

Num bar, em Planaltina (cidade-satélite localizada a 40 quilômetros do Plano Piloto), um peão já meio tocado, contou-me a história de um massacre ocorrido no acampamento da Construtora Pacheco Fernandes Dantas, quando Brasília ainda estava sendo construída. As palavras do homem pareceram-me verdadeiras; sua fisionomia era grave, a voz tensa: "Morreram mais de 100 operários naquela noite, e até hoje ninguém descobriu onde enterrou os corpos".

São passados mais de dez anos desde aquele primeiro encontro, em Planaltina. Reuni informações que divulgo através do *Jornal de Brasília* para ajudar a esclarecer o que de fato aconteceu no campamento da Pacheco naquela noite de 8 de fevereiro de 1959. Lembro ao leitor que o "Massacre da Pacheco", como se tornou conhecido o episódio, é contemporâneo ao "caso Aida Cury". A diferença é que o crime de Ronaldo e Cacio Murilo saltou para as manchetes da imprensa, ao passo que o massacre da Pacheco foi compulsoriamente ignorado. A intenção desta reportagem é impedir que a mentira, mais uma vez, mascare a história, como de resto tantas vezes tem acontecido entre nós.

É domingo de carnaval. O diário do engenheiro responsável pelas obras do Palácio do Planalto, Fausto Favalle, diretor da Construtora Pacheco Fernandes Dantas registra:

"8 de fevereiro de 1959 — a obra trabalhou até as 11 horas. Retornei de Anápolis às 22 horas. A Guarda Especial de Brasília foi chamada a fim de deter dois operários que provocaram desordens na cantina. Como da primeira vez os guardas não conseguiram deter os desordeiros, pediram reforços, que ao chegarem começaram a atirar sobre os operários".

O general Osmar Soares Dutra, chefe da GEB na data do massacre, não nega a invasão nem que tenha havido vítimas: "Os guardas atiraram", disse ele. No diário do engenheiro a descrição prossegue assim:

"Cessado o tiroteio, passou a polícia a espancar os operários com requintes de selvageria. Como resultado desse maldalismo, tivemos um operário morto três operários feridos à bala, e espancamento em diversas dezenas. A situação do acampamento só se acalmou com a chegada do Exército, que conseguiu que os operários voltassem para os alojamentos, por volta de quatro horas da manhã do dia seguinte".

A Pacheco Fernandes Dantas saiu de Brasília em 1963, onde além do Palácio do Planalto construiu o Hotel Nacional e o Brasília Palace Hotel. Eu fechei a firma e vim embora — disse o engenheiro, hoje, em São Paulo. A Pacheco foi substituída pela Moraes Dantas S/A.

### O MASSACRE

Comandados pelo inspetor Fernando Faria Pimentel, ex-motorista de praça no Rio de Janeiro, os guardas da GEB

chegaram por volta de nove horas da noite. "Não teve nenhuma conversa — garante "Decave": "Eles foram chegando e mandando bala. A gente só ouvia os peões gritando, ai meu Deus, não faça uma coisa dessa comigo". E tiro prá todo lado.

Seu Alfredo Batista diz que escapou porque no meio do acampamento, bem entre dois alojamentos, estava parado o caminhão do "Jacu", porque tava quebrado, então eu fiquei ali mais três companheiros e vimos tudo. Os guardas atiravam de revólver e com umas metralhadoraszinhas: "Aliviou correndo, e metiam fogo".

Segundo seu Alfredo, muito peão escapou porque saiu correndo por dentro do mato. Outros se esconderam debaixo dos alojamentos que ficavam metro e meio acima do chão. Aliás, o único morto que foi encontrado, até hoje, Evaristo, estava escondido embaixo de um dos alojamentos. Segundo o general Osmar Dutra, ele morreu porque uma bala lhe atingiu a veia femural e ele se esvaiu em sangue.

"Decave" disse que ficou escondido entre o caminhão e um alojamento, e viu os policiais atirarem através das paredes de madeira, matando muitos operários que já estavam dormindo. Enquanto os policiais estavam atirando — disse Decave —, o que demorou cerca de 20 minutos, tinha luz no acampamento. Quando eles pararam, cortaram a luz, e começaram a jogar os corpos de quem tivesse caído, vivo ou morto, dentro de um basculante sumindo dentro da escuridão da noite.

Em seguida — lembra seu João Faustino — a polícia acendeu as luzes e mandou que os sobreviventes se pusessem em fila e começaram a espancá-los. "Lembro de um negro chamado Luis, que depois de tomar duas cacetadas seguras, falou assim "mas moço, eu tava dormindo, não tenho nada com essa briga, e vocês metiram na cama pra me bater".

"Tá achando ruim, nego — disse o Pimentel — que mandou os guardas tirarem Luis da fila e o jogarem dentro de um caminhão. Depois disso, diz seu João, nunca mais ninguém viu Luis.

Seu Alfredo Batista disse que não apanhou "mas preferia ter apanhado, porque talvez meu medo acabasse nas pancadas". Eu tivetanto pavor — prossegue ele — de ver aquele povo morrendo levando tiro, que meus braços ficaram cruzados em cima do peito e as pernas trancas, duro, duro. Eu não consegui nem andar.

Os mais prejudicados — disse seu Alfredo — foi o pessoal do alojamento onde dormiam os armadores, porque foram os armadores que não deixaram levar os colegas presos, na cantina, e também reclamaram da comida ruim.

### OS MORTOS

"Quando aos mortos — disse "Decave" — ninguém pode dizer com certeza, porque já disse que a GEB cortou a luz do acam-

pamento e jogou os corpos num basculante. Mas um dia, um apontador da Pacheco tomou umas pingas grossa e foi ameaçado de ser mandado embora. Então — prossegue "Decave" — ele falou assim: se vocês me mandarem embora, amanhã mesmo eu vou nos jornais e levo as carteiras dos que morreram, porque elas estão comigo.

Segundo "Decave", esse apontador — cujo nome ele não lembra — foi mantido na empresa, mas contou naquela noite que tinha 87 carteiras de trabalhadores que foram assassinados pela GEB.

Seu Alfredo disse que outra pessoa que sabia com certeza o número de vítimas era o sargento Pinto. "Este homem — lembra seu Alfredo — era o chefe da segurança da GEB e recebeu uma bolada para calar a boca e não falar nunca quantos morreram naquele dia. Infelizmente, sargento Pinto morreu no final do ano passado, e ao que tudo indica levou consigo esse segredo infame.

Quanto à localização dos corpos, as informações são conflitantes. Seu João Faustino disse que o motorista que levou os corpos, que foram enterrados numa vala construída às pressas por tratores, foi assassinado para não ficar como testemunha. No entanto, um dos moradores do acampamento da Rabelo, que ficava vizinho ao da Pacheco, "Pai Velho", diz que o motorista foi um homem conhecido por "Cabeção", e que está morando — ou morreu — pela Amazônia.

"Pai Velho" recorda que uma noite, "Cabeção" se desentendeu com um policial quando estavam bebendo em um bar da "Vila Planalto" — onde ficavam os acampamentos de muitas construtoras, inclusive o da Pacheco — e falou assim:

"A morte não me mete medo. Fui eu que dirigi o caminhão cheio de mortos que seus companheiros mataram na Pacheco.

Contudo, "Cabeção" nunca revelou onde teriam sido enterrados os corpos. Há quem diga que naquela noite a GEB sepultou inclusive pessoas vivas, como Luis, que estava na fila, e todos viram quando Pimentel mandou que ele entrasse no basculante que levou os corpos. Ninguém sabe onde ocorreu o sepultamento coletivo, mas alguns afirmam ter sido nas proximidades da cidade-satélite de Planaltina; há quem diga que uma parte das vítimas foi enterrada no pátio de estacionamento do Congresso, e ainda se fala que o local onde os corpos foram enterrados fica no caminho de Luziânia.

Contudo, o depoimento mais elucidativo foi o do hoje falecido tratadorista Oliveira. Ele trabalhava na Pacheco quando se deu o massacre, e foi um dos que pediram as contas depois da invasão. Oliveira foi trabalhar na Empresa Brasileira de Engenharia, e contava que quando estava fazendo as escavações para botar as manilhas, num local próximo à "Vila Amauri", que posteriormente foi inundada pelo lago, desenterrou

inúmeros corpos. Contudo, informados desse fato, os engenheiros mandaram imediatamente que o local fosse novamente aterrado, e proibiram terminantemente qualquer comentários sobre o assunto entre os operários.

De frisar é a diferença entre o número de vítimas quando quem fala é uma autoridade ou um operário — o general Osmar Soares Dutra considera a invasão da Pacheco um caso encerrado e tem uma versão singular para o fato:

"Quando o motorista da Pacheco chegou ao destacamento da GEB o comissário que estava de plantão era um novato, inexperiente. Ele juntou 10 ou 12 homens e foi para a Pacheco".

"Quando os soldados entraram, começaram a atirar para o ar. Mas alguém não atirou para o ar e uma das balas feriu um homem que estava dormindo e outro que estava correndo no meio do alvoroço. Os policiais que participaram da invasão do acampamento da Pacheco foram expulsos da corporação, porque o principal fato — quem atirou no operário — não foi possível ser apurado. Então todos pagaram". E encerrando sua versão diz o general: "Aquilo foi um negócio tão maluco, que nem os próprios soldados sabiam porque estavam atirando".

Já o capitão Geraldo Silva, que posteriormente tornou-se oficial da GEB, diz: "Com o crescimento das obras em Brasília houve necessidade da criação de um policiamento, e foi criada uma corporação muito leiga, com policiais muito empíricos". Com relação ao massacre da Pacheco, a versão de Geraldo Silva é a seguinte: "Quem foi chamar a polícia aumentou muito o que tinha acontecido na cantina. Por isso, na minha opinião, o temor maior era dos próprios policiais que ao chegarem e encontrando tudo em silêncio, pensaram que os operários tinham preparado uma cilada para eles. Por isso é que eles atiraram".

### O MISTÉRIO

Todos os operários que testemunharam a invasão do acampamento afirmam que o número de vítimas foi de pelo menos 80 pessoas. João Faustino diz que foram uns 140; seu Alfredo diz que foram 80; "Decave" ressalva que com a falta de luz foi impossível contar, "mas foram pelo menos uns 100. Ao passo que as versões oficiais, tanto do engenheiro Fausto Favalle quanto do general Osmar Soares Dutra, dizem que apenas uma pessoa veio a falecer por consequência dos tiros.

Decorridos cinco dias após o episódio — diz o "Binômio" de fevereiro de 59 — ninguém na NOVACAP sabe informar com segurança o número exato de operários que morreram. Fez-se um cerco de mistério sobre a ocorrência.

Continua na próxima pag.